

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 12 – dezembro de 2021

Dimensão Missionária

AS TENTAÇÕES DOS EVANGELIZADORES (EG 78-101)

De tudo sou capaz Naquele que me dá força !
(Fil. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

"É peculiar ao anjo mau transformar-se em anjo da luz e entrar na alma com o ponto de vista dessa alma fiel, mas depois sair com o seu: isto é, sugere pensamentos bons e santos, conformando-se a essa alma reta, depois pouco a pouco tenta sair dela, atraindo a alma para os seus enganos ocultos e desenhos perversos" (Santo Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais, 332. Quarta regra da segunda semana).

"Geralmente, a princípio tudo corre bem, mas depois aparecem a aridez, o tédio, as desolações de espírito... e então sentimo-nos abandonados por Deus, entristecemos-nos e muitas vezes nos perdemos" (José Allamano, Tudo pelo Evangelho, 38).

"Para superar as tentações, além de estarmos vigilantes, devemos também evitar as situações perigosas e invocar com prontidão, humildade e confiança, a ajuda de Deus - e recomendarmo-nos à intercessão da Santíssima Virgem, do nosso Anjo da Guarda e dos santos" (Tudo pelo Evangelho. 22).

STATUS QUAESTIONIS

Fragilidade humana

Estamos todos, de alguma forma, sob a influência da cultura globalizada, que, embora nos apresente valores e novas possibilidades, pode também condicionar-nos e colocar-nos em situações que põem em risco a fidelidade à nossa vocação missionária.

O último Capítulo Geral observou que "Somos missionários preparados e com boa vontade, mas também muito frágeis. Hoje, existe incerteza sobre as motivações da missão Ad Gentes, mas existe também um mal-estar pessoal alargado. Alguns de nós perderam o zelo que inicialmente nos tinha motivado a ser missionários; sentíamo-nos cansados; temos dificuldades em partir para irmos para onde a missão nos envia; parece-nos é difícil mudar; cedemos a uma vida fácil;

fechamo-nos em nós mesmos e temos relações pouco significativas; o ideal da missão já não nos fascina”. (XIII CG 11)

À medida que os anos passam, experimentamos frequentemente "fraternidades" decepcionantes, o arrefecimento da nossa relação com Deus e a amarga descoberta das nossas motivações inconscientes que nos levam gradualmente à beira do precipício. Isto acontece quando presumimos conhecer-nos a nós próprios, quando a comunidade se revela, não como uma família, mas como uma soma (ou por vezes uma subtração) de indivíduos; quando em situações inesperadas as inconsistências assumem o controlo. Nessa altura, a vida pede-nos para escolher: confiar-nos à graça de Deus (2 Cor 12,9) e "unificar as nossas vidas em torno do seguimento de Cristo" (XIII CG 12), ou sucumbir à tentação das meias verdades, das agendas ocultas e da vida dupla.

As tentações apresentadas nesta ficha, sem pretender ser exaustivas, dizem respeito, algumas delas à figura dos "evangelizadores" (cf. Evangelii Gaudium 78 - 101), outras, mais gerais, são aplicáveis à vida da comunidade e do Instituto.

Acédia pastoral

A **acédia pastoral** pode ter várias origens. Alguns caem nesta armadilha porque põem se dedicam a projetos que não podem ser realizados e não trabalham de bom grado naqueles que poderiam fazer em paz. Outros, porque se agarram a certos projetos ou sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade. Outros, ao prestarem mais atenção à organização e horários, perderam o contacto com as pessoas e com a realidade. Outros ainda não sabem esperar, e movidos pela ansiedade de alcançar resultados imediatos têm dificuldade em tolerar uma contradição, uma crítica, uma cruz.

Mundanismo espiritual

A **tentação do triunfalismo** – um cristianismo sem a cruz – e a sua forma mais insidiosa – o mundanismo espiritual – é difícil de discernir. «É uma tremenda corrupção, com aparências de bem. Devemos evitá-lo, pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão

centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfíxiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus» (EG 97).

A nível pessoal, a tentação do **mundanismo espiritual** é aquilo por que o Senhor reprovou nos fariseus (Jo 5,44), que baseavam as suas vidas no culto da aparência, da exterioridade, no cuidado exagerado da sua própria imagem. «... É um aviso para todos os tempos e para todos, para a Igreja e para a sociedade: **nunca tirar partido da própria função para esmagar os outros**, nunca ganhar dinheiro à custa dos mais fracos! Tenhamos cuidado com as falsidades do coração, com a hipocrisia, que é uma doença perigosa da alma! É um pensamento duplo, um duplo julgamento, como a própria palavra diz: "julgar por baixo", aparecer de uma maneira e "hipo", por baixo, ter outro pensamento. **Dúplices, pessoas com alma dupla, duplicidade da alma**» (Papa Francisco, Angelus, 7 de Novembro de 2021).

A resignação

Sem nos apercebermos disso, cada vez que pensamos ou constatamos que somos poucos, ou em muitos casos idosos, cada vez que experimentamos o peso da fragilidade, o nosso espírito começa a ser corroído pela **tentação da resignação**.

Quando a resignação se apodera de nós, vivemos com a imagem de um passado glorioso que nos envolve cada vez mais numa espiral de peso e amargura existencial.

"Façamos tudo para crescer, para sermos fortes... Mas não nos resignemos. Iniciar processos. Hoje a realidade desafia-nos – repito – a realidade convida-nos a ser mais uma vez um pouco de fermento, um pouco de sal. O que o Papa vos pode dizer é o seguinte: sois poucos, sois quem sois, ide às periferias, ide às fronteiras para vos encontrardes com o Senhor, para renovardes a missão das origens, para a Galileia do primeiro encontro, regressai à Galileia do primeiro encontro! E isto será bom para todos nós, far-nos-á crescer, far-nos-á uma multidão".

(Papa Francisco, *Discurso aos sacerdotes e pessoas consagradas na Solenidade da Anunciação do Senhor, Sé Catedral de Milão*, sábado, 25 de Março de 2017)

A sobrevivência

A tentação da sobrevivência pode tornar a nossa vida consagrada estéril. É um mal que pode gradualmente criar raízes dentro de nós, dentro das nossas comunidades. A atitude de sobrevivência torna-nos reacionários, temerosos, fecha-nos lenta e silenciosamente nas nossas casas e nos nossos esquemas. Projeta-nos para trás, para um modelo de missão de um passado glorioso que, em vez de despertar a criatividade profética nascida da previsão e coragem do Fundador e de tantos missionários depois dele, procura atalhos para escapar aos desafios que hoje batem às nossas portas.

Esta **psicose de sobrevivência** cria raízes entre nós sempre que pensamos em termos de "**sempre se fez assim**" (E.G. 33). Este conveniente critério pastoral diminui a força do nosso carisma, explica escolhas e presenças inovadoras *ad gentes* com categorias e linguagem do passado; tende a proteger espaços e estruturas em vez de tornar possíveis novos processos (E.G. 223).

De facto, este clima de sobrevivência cria aridez no coração dos nossos anciãos, privando-os da capacidade de sonhar e, desta forma, esteriliza a profecia que os jovens missionários são chamados a anunciar e a realizar (Joel 3,1-5). Em suma, **a tentação da sobrevivência** faz-nos esquecer o poder da Graça e transforma num perigo e numa ameaça aquilo que o Senhor nos apresenta como uma oportunidade de missão.

A síndrome de Jonas

É a tentação de parar, de sentir que se chegou, como o profeta Jonas que queria uma vida tranquila, disposto a pregar dentro dos limites da sua pátria e apenas aos seus próprios compatriotas, sem o desejo de se aventurar em missão em território estrangeiro.

De repente, porém, Deus perturbou a sua ordem de ideias, irrompendo na sua vida como uma torrente caudalosa, privando-o de toda a segurança e conforto: enviou-o para Nínive, a "grande cidade" estrangeira e inimiga, símbolo de todos os rejeitados e marginalizados, para proclamar a Sua Palavra.

Ao fazê-lo, Deus convidou-o a ir além dos seus limites, a **ir para as periferias**, confiando-lhe a missão de lembrar a todas as pessoas perdidas que os braços de Deus estavam abertos e que lhes ofereceria o seu perdão e ternura. Mas o pedido ultrapassava as capacidades de compreensão de Jonas e ele decidiu fugir.

ILUMINAÇÃO

O coração, lugar das tentações

Os Evangelhos Sinóticos relatam que a primeira ação realizada por Jesus imediatamente após receber o batismo de João foi a de se confrontar com o tentador. Não visões celestiais, mas a visão da possibilidade de idolatria, da possibilidade do mal que se aninha no coração. Porque **o lugar da tentação**, para Jesus como para todo o ser humano, não é tanto o deserto (Mt 4,1-4) ou o templo da Cidade Santa (Mt 4,5-7) ou uma montanha muito alta (Mt 4,8-11), **mas sim o coração**, o coração que conhece a esterilidade e as miragens do deserto, o coração que sofre as seduções emocionais e afetivas, assim como as decepções do sagrado e do religioso, o coração que alimenta ilusões de alturas e de glórias que causam vertigens.

Jesus atravessa a tentação, ele não a remove, aceita medir-se com ela *em si mesmo*. Ele não projeta a imagem do inimigo sobre realidades externas, mas aceita que o poder da tentação se desdobra nas profundezas do seu coração. Só quem ultrapassa o poder que causa divisão dentro de si mesmo pode expulsar demónios de outras pessoas.

A vitória de Jesus é interior e espiritual: ele ganha **ao recordar a Palavra de Deus**. E a palavra recordada fá-lo refazer o caminho do

povo depois de ter saído do Egipto. A recordação da Palavra de Deus, a *'memoria Dei'*, é o que guia Jesus à vitória.

O dinamismo da tentação

As tentações aparecem frequentemente disfarçadas de desejo de fazer o bem ("sub angelo lucis", como diria Santo Inácio), ou seja, sob a forma de boas intenções, e manifestam-se de forma particular em três áreas: a afetiva, a económica e a missionária. No seu desenvolvimento, seguem um dinamismo em quatro momentos fundamentais: **sugestão, diálogo, consentimento, paixão (ou vício)**.

É interessante reler a partir desta perspetiva o episódio de David e Betsabé (2 Samuel 11, 1-27) para descobrir nele o desenvolvimento destes momentos fundamentais.

Sugestão: é a emergência no coração do homem da possibilidade de uma ação maléfica e pecaminosa. Este carácter negativo do pensamento é discernível pelo facto de causar distúrbios no coração, tira a paz e a serenidade. Este momento é absolutamente universal: ninguém está isento dele.

Diálogo: se nos entretemos a dialogar com este pensamento, se o neutralizamos, recorrendo a expedientes de autojustificação, então o mal-estar e a perturbação que gera nas profundezas do homem torna-se gradualmente uma presença prepotente no coração, uma presença que já não pode ser dominada, mas que domina o homem.

Consentimento: é então que o consentimento ocorre, ou seja, uma posição pessoal que contradiz a vontade de Deus.

Vício: se o consentimento é repetido porque não demonstramos capacidade de luta, então tornamo-nos escravos de uma paixão, de um vício.

Em vez disso, este processo pode ser quebrado por uma luta que é travada imediatamente, no seu início, contra pensamentos e sugestões. Mas quais são as modalidades desta luta? Primeiro, reconhecer a própria fragilidade e, para isso, aceitar a ajuda de uma figura

profissional sensível e competente e abrir o coração dentro de uma relação com um padre espiritual; depois, oração e a invocação do Senhor; ouvir e interiorizar a palavra de Deus; uma vida de relações, de caridade, intensa e autêntica.

Esta luta exige também uma grande **capacidade de vigilância** sobre si próprio e sobre as muitas relações que se têm. As formas que a tentação pode assumir abarcam a multiplicidade de relações antropológicas fundamentais. A relação com a comida, com o corpo e a sexualidade, com as coisas (especialmente bens, dinheiro), com os outros, com o tempo, com o espaço, com o trabalho e, finalmente, com Deus. Em todas estas áreas, a tentação assume sempre a forma de uma sedução para viver num regime de consumo em vez de viver em comunhão. É por isso que a luta contra a tentação encontra o seu magistério eminente na Eucaristia, que é precisamente a celebração da vida como comunhão com Deus e com as pessoas.

Tocar a miséria humana

Por vezes sentimos a **tentação** de sermos cristãos mantendo uma distância prudente entre nós e as chagas do Senhor. **Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana**, que toquemos a carne sofredora dos outros. Ele espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que nos permitem manter-nos à distância do âmago do drama humano, evitando assim entrar verdadeiramente em contacto com a existência concreta dos outros e conhecer o poder e a força da ternura. Quando vencemos esta barreira, a vida torna-se maravilhosamente complicada e vivemos a experiência intensa de ser um povo, a experiência de pertencer a um povo.

A mística do encontro com os outros

Quando vivemos **a mística de nos aproximarmos dos outros** com a intenção de procurar o seu bem, alargamos a nossa interioridade para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos relacionamos com um ser humano com amor, colocamo-nos em posição de descobrir algo novo sobre Deus. O compromisso da evangelização abre

horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis ao reconhecimento da ação do Espírito, faz-nos romper com os nossos padrões espirituais limitados. Só podem ser missionários aqueles que se sentem bem em procurar o bem do próximo, que desejam a felicidade dos outros. (cf. E.G. 270-272).

"Os estudos que fazeis nas várias universidades ... preparam-vos para as vossas futuras tarefas como pastores, e permitem-vos apreciar melhor a realidade em que sois chamados a proclamar o Evangelho da alegria. No entanto, não podeis ir para o terreno para aplicar teorias **sem ter em conta o ambiente em que vos encontráis**, bem como **as pessoas que vos foram confiadas**. Desejo que sejais «**pastores com o 'cheiro das ovelhas'**», (*homilia*, 28 de março de 2013), pessoas capazes de viver, de rir e de chorar com o seu povo, numa palavra, de comunicar com ele. ... **Despojai-vos de vós mesmos**, das vossas ideias preconcebidas, dos vossos sonhos de grandeza, da vossa autoafirmação, **para colocar Deus e as pessoas no centro das vossas preocupações diárias**". (Papa Francisco, *discurso aos sacerdotes do internato de San Luís dos Franceses*, 7 de Junho de 2021)

O poder da ressurreição

Algumas pessoas pensam que nada pode mudar e por isso para elas é inútil lutar: "Porque deveria eu privar-me do meu conforto e prazer se **não vejo nenhum resultado importante?**". Esta atitude é precisamente uma desculpa para permanecer fechado no conforto e na preguiça e no vazio egoísta. Se pensamos que as coisas não vão mudar, recordemos que Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e está cheio de poder. Jesus Cristo vive verdadeiramente. Caso contrário, "se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia" (1 Cor 15,14).

Por outro lado, **a missão não é um negócio ou um projeto empresarial**, não é sequer uma organização humanitária, não é um espetáculo para contar quantas pessoas nele participaram graças à nossa animação; é algo muito mais profundo, que ultrapassa todas as medidas. Talvez o Senhor use os nossos esforços para derramar bênçãos num outro lugar do mundo onde nunca iremos. O Espírito

Santo trabalha como quer, quando quer e onde quer; entregamo-nos com dedicação, mas sem esperar ver resultados vistosos. Só sabemos que o dom de nós próprios é necessário.

Este **sentido de humildade** ajuda-nos a superar a **tentação de assumir a liderança, que o Senhor pede a qualquer um que aceite colaborar na sua obra de libertação** (Êxodo 3:3-7). No pouco ou no muito, damos a nossa contribuição, mas a missão não é nossa. O Reino de Deus é de Deus! "Nós somos colaboradores de Deus, e vós sois o campo de Deus, o edifício de Deus" (1 Cor 3,9); o verdadeiro protagonista da missão é o Espírito de Deus! (R.M. 21 -29)

Levar a cruz com Jesus

A história da negação de Pedro é emblemática para nos guiar na superação da tentação subtil e muito atual e sedutora que definimos como "mundanismo espiritual", ou seja, um "cristianismo sem a cruz". De facto, é profundamente significativo que a negação de Pedro não esteja ligada ao abandono de Jesus, mas à tentativa de o seguir na paixão: "Pedro seguiu-o de longe para o pátio" (14,54). É a tentação de seguir o Senhor, mas de longe.

Paradoxalmente, se Pedro nega o Mestre não é porque ele seja pior do que os outros discípulos, mas porque mais do que eles ele tentou segui-lo. Mas o advérbio "**de longe**" já mostra que a sua tentativa tem em si mesma a razão do seu próprio fracasso. Não é possível segui-lo "de longe". Os verdadeiros seguidores não aceitam meias medidas. Não se pode estar com Jesus e, ao mesmo tempo, fechar-se no próprio abrigo.

Onde é que está a diferença entre o seguimento imediato e total de Pedro junto ao lago (Marcos 1,18) e segui-Lo "de longe" para o pátio?

Não foi Pedro que mudou (outrora corajoso e agora temeroso), mas foi Jesus que se revelou plenamente. Pedro não compreendeu a cruz, daí a sua negação. O erro de Pedro está em pretender introduzir no seguimento uma "distância" entre ele e Jesus (de longe), uma reserva, quase como se ele quisesse separar o resultado dos dois caminhos.

A **tentação dentro de nós** é precisamente a de, como no caso de Pedro, seguir Jesus com **a pretensão de permanecer ileso**. Mas não se pode seguir Jesus e permanecer desconhecido, sem se dar a conhecer. Também não podemos segui-lo com a reserva mental de pararmos antes do momento crucial, antes de nos darmos totalmente pelos outros.

Fidelidade: um sim dito todos os dias

O sermão de Jesus na sinagoga de Cafarnaum (Jo 6,60-69) sobre o pão da vida provoca toda uma série de crises e numerosas deserções na multidão e mesmo no círculo interno dos discípulos: "a partir desse momento, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e já não continuaram com Ele" (v.66).

Jesus, no entanto, não faz nada para os reter. Ele não dá descontos, não faz concessões, não negocia as condições de o seguir e obriga-os a fazer uma escolha precisa.

E assim ele afirma perentoriamente: "Talvez também vós queirais partir". (v.67). Pedro responde em nome de todos: "Senhor, a quem iremos nós? Só vós tendes as palavras da vida eterna" (v.68).

A fidelidade no seguimento não é uma questão de partir ou permanecer com Jesus, de "partir ou permanecer na vida religiosa", mas a alternativa é entre "permanecer no Instituto" sempre descontentes, desanimados, medíocres e amargurados ou, em vez disso, ser missionários entusiasmados com o que somos, sempre mais apaixonados pelo Senhor, como no primeiro dia em que dissemos sim à aventura de O seguir. Sim, porque também nós podemos correr o risco de nos assemelharmos ao "filho mais velho" da parábola que "ficou" em casa, mas que estava ressentido, descontente, e sobretudo "longe" do coração misericordioso do Pai. (Lucas 15, 11-32).

Dizer sim ao Senhor todos os dias

A fidelidade ao Senhor é algo dinâmico, é uma realidade em movimento, portanto, não deve ser sofrida, mas vivida alegremente. **As tentações entram nas nossas vidas** quando nos iludimos de que

fizemos a nossa escolha uma vez por todas no dia da nossa profissão. Há tentações imprevisíveis que põem em causa a nossa dedicação ao Senhor e nos forçam a escolher de novo e a atualizar a nossa escolha preferencial. Por esta razão, após a decisão inicial, muitas outras se lhe seguem inevitavelmente. E o "sim" inicial é sustentado pelos muitos "não" que somos chamados a pronunciar na nossa vida de cada dia.

ORIENTAMENTOS

Sair para nos descentralizarmos

O nosso principal problema é SAIR, e a promessa que sustenta o seu dinamismo é que ao fazê-lo redescobriremos a alegria do Evangelho, em poucas palavras: (re)aprender a missão a partir daquilo que acontece, daqueles a quem somos enviados, do trabalho do Espírito no mundo.

A fim de evitar o risco de autorreferencialidade, precisamos de **manter aberto o diálogo com a realidade**: "Quando a vida consagrada perde esta dimensão de diálogo com a realidade e de reflexão sobre o que está a acontecer, ela começa a tornar-se estéril". (Papa Francisco, *mensagem por ocasião da 50ª Semana Nacional dos Institutos de Vida Consagrada*, 17-22 de Maio de 2021)

Por uma vez esqueçamo-nos um pouco de nós próprios, ouçamos o mundo e o que ele precisa e perguntemo-nos o que nos dão as periferias das cidades, os migrantes que acompanhamos, os jovens e a sua luta pelo cuidado da Criação, o grito dos povos indígenas, a solidão dos idosos... o regresso dos soberanismos e dos populismos.

Mas para que isto aconteça: devemos **descentralizar-nos e deixar-nos evangelizar pelos pobres que** "... são os companheiros de viagem de uma Igreja em saída, porque são os primeiros que ela encontra. Os pobres são também os vossos evangelizadores, porque vos apontam as periferias onde o Evangelho ainda precisa de ser proclamado e vivido". (Da *Mensagem do Papa Francisco aos participantes na Convenção Missionária Nacional*, 22/11/14)

A busca do mais além

A **novidade** assusta-nos sempre um pouco, porque nos sentimos mais seguros se tivermos tudo sob controlo, se formos nós a construir, a planear as nossas vidas de acordo com os nossos próprios esquemas, a nossa própria segurança, os nossos próprios gostos.

É necessário arriscar novos caminhos. No início, será inevitável cometer erros e até ficar um pouco confuso, mas que surpresa então começar a entrever o que realmente aparece como novo.

Antes de mais, é necessário compreender que o ponto a que chegámos, nas realidades e contextos em que operamos, não pode ser considerado como o modelo de um retorno perpétuo para voltar a fazer as mesmas coisas, mas sim o simples ponto de partida para algo novo que está para além tanto da geografia como dos projetos.

E então, ter a coragem de questionar as nossas ideias e certezas leva-nos imediatamente a **contemplar o mais além para o qual a missão ad gentes** deve dirigir-se.

A **abertura à novidade** continua a ser um parâmetro de controlo da autenticidade do nosso Instituto, que aprendeu com a história não só a questionar o valor do que estamos a fazer, mas também a contemplar o além para o qual devemos prosseguir.

Coragem para nos questionarmos

As mudanças espantosas com que hoje nos confrontamos não são uma antecipação de um fim, mas pertencem profundamente ao dinamismo da missão. "Abrem-se portanto imensos espaços para repensar as nossas vidas e os destinos das gerações que virão depois de nós: para decidir quem e o que queremos ser. O que é certo é que esta crise nos oferece a possibilidade de pensar num mundo diferente, salientando mais uma vez os limites de um paradigma que já não é sustentável... Não sabemos nada sobre o mundo que está para vir. Sabemos, contudo, que o que está para vir dependerá também de nós: daquilo que decidimos pensar, sonhar e fazer hoje. Daquilo que somos. (Lafont Ghislain em "*Um tempo sabático para o Instituto! Uma lição para todos*", Carta da Direção Geral, 13 de Junho de 2020)

PARA O TRABALHO PESSOAL E A PARTILHA EM COMUNIDADE

Leituras

2 Samuel 11, 1-27; Lucas 11, 24-26; Evangelii Gaudium 76-100

Imagem

Contempla esta imagem e encontra um nome para as mãos (tentações) que estão a tomar conta de ti.



Algumas perguntas

1. Quais são as tentações que identifico na minha vida as quais põem em risco a minha consagração à missão?
2. Como é que lá cheguei? Identifica os momentos da tua vida em que confiaste no tentador e o deixaste entrar na tua vida.
3. Como posso sair deste impasse e recuperar o que é mais genuíno na minha chamada para a missão *ad gentes* na Consolata?

Para o diálogo em fraternidade

1. Que tentações estão a travar e a esvaziar a qualificação da nossa missão ad gentes?
2. Qual é o "além" para o qual nós devemos tender, como comunidade, Circunscrição e Instituto, para revitalizar aquilo que é específico da nossa missão ad gentes?

REZA

Tenho esta convicção:

a tentação pode ser uma oportunidade de conversão.

Se o missionário estiver consciente das suas tentações, elas podem ser uma experiência da graça de Deus, do seu Amor Gratuito, do seu Amor Incondicional.

A maturidade humana é uma das formas de as enfrentar. Se somos artistas de fraternidade saberemos como lidar com a tentação.

A consciência de ser consagrado para a missão *ad gentes* tornará claro o discernimento.

A autorreferencialidade, o mundanismo espiritual, o esvaziamento da identidade missionária enfraquecem o missionário.

Senhor, peço-vos que me deis o vosso Espírito de discernimento para que eu não vá cair nas seduções do "sub angelo lucis".

Dai-me sabedoria, clarividência e serenidade para que eu possa confiar só em Vós e deixar-me guiar sempre pelo vosso chamamento; pelos séculos dos séculos.

Ámen.

